

CLARKE, Cheryl. Vivendo como uma Lésbica. Tradução: Cecília Floresta. Rio de Janeiro- RJ: A Bolha, 2021.223p.

Hellen Rodrigues Batista¹
ORCID: 0000-0002-1391-9011

Aguardado há cerca de três décadas e meia no Brasil, a obra “Vivendo como uma Lésbica” reúne mais de 30 poemas da escritora e feminista lésbica Cheryl Clarke, nascida em Washington, DC, nos Estados Unidos. A autora se formou na Universidade de Howard e se destacou como uma das mais influentes autoras negras de sua geração. Apresentada à boa parte do público brasileiro, não apenas pelo ineditismo do seu trabalho, busco, aqui, destacar o poder de suas negras palavras.

Traduzido pela escritora, tradutora e editora Cecília Floresta, em 2021, o livro foi publicado pela editora A Bolha, do Rio de Janeiro e independente. A edição brasileira conta com uma bela capa em que a imagem de Cheryl Clarke é representada por uma pintura em cores vibrantes e um olhar convidativo. Já a poesia de Cheryl Clarke, pouco “convencional” ao cânone por transbordar as páginas literárias e torna-se instrumento de luta, não apenas choca por suas palavras de afeto público destinadas a outras mulheres, mas por retratar a lesbianidade de maneira

multifacetada, algo que a heterocisnormatividade pouco possibilita imaginar. Rompendo, assim, com estereótipos do ser lésbica. O prefácio, escrito pela feminista negra *queer* Alexis Pauline Gumbs, manifesta a estética política de radicalização adotada por Cheryl Clarke em seus poemas.

A autora parte do comprometimento político das imbricações entre a experiência pessoal e a realidade política (hooks², 2019). A obra está dividida em sete partes e contém 223 páginas. No final tem a crítica literária de Boyce Jones, feita para a primeira edição do livro, em 1986, além de um epílogo produzido por Clarke em 2013, no qual explica a contemporaneidade deste que foi o segundo livro publicado em sua carreira. Ao público brasileiro, notas explicativas sobre o contexto de escrita de cada poema estão presentes, conjuntamente com a biografia da escritora e demais participantes na produção desta obra.

Com introdução escrita pela premiada editora feminista lésbica Nancey K. Bereano, a produção de Cheryl Clarke, como bem

1. Graduação em andamento em Sociologia (Bacharel) e Licenciada em Ciências Sociais pelo departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília. Curadora e oficinaira do projeto Escrevivências com ênfase em literatura negra-feminina (DEAC).

2. bell hooks é pseudônimo de Gloria Jean Watkins. Tal pseudônimo, que é o nome de sua bisavó materna, era grafada de forma minúscula e bell hooks explica que a definição deste nome não se deu por mera homenagem, mas por achar e acreditar que soava forte como bem apresenta em sua obra “Erguer a voz” (hooks, 2018). Em respeito à sua escolha em vida, seu pseudônimo permanece minúsculo.

alega Bereano, não perdeu sua atualidade, pois, no presente momento, a palavra de ordem é contra a falsa aceitação e cooptação das pautas LGBTQI+ pela atual ordem neoliberal³. Assim sendo, “Vivendo como uma Lésbica” perpassa a vivência poética lésbica contrariando compreensões pré-estabelecidas. A chegada deste livro no Brasil, ainda que tardiamente, soma-se aos feminismos negros desse país e da região, mais especificamente da América Latina.

A leitura contribui fortemente para questionar a **heterocentralidade** presente nas diversas discussões feministas negras e a obra, em si, propõe alternativas construtivas a partir da interseccionalidade⁴, como tem sido reconhecido na seara acadêmica e de militância política, chave analítica de suma importância na luta contra a estrutura opressiva colonial patriarcal. Além disso, a autora do livro, aqui resenhado, constata, por meio de sua poesia, que as lutas das mulheres negras dificilmente desconectam-se da radicalidade anticapitalista, anti-imperialista e alhures, em seus dizeres, “imperialismo sob qualquer outro nome é imperialismo” (CLARKE, 2021, p. 139).

Os rompimentos propostos pela poesia lésbica de Cheryl Clarke permitem instaurar reflexões diversas aos manuais existentes do mundo social. A coragem em expor suas ideias e sua visão de mundo por meio das suas escritas⁵ (EVARISTO, 2018) é algo magistral, pois, para além do já exposto, seus escritos também trazem o

erótico bem distante da alienação viciante disponibilizada pela pornografia (NASCI-MENTO; BOTELHO, 2013). Movendo, assim, corpos lésbicos, trans, *queers*, femininos e racializados da objetificação, para a humanização plena (FANON, 2008).

Com poemas em homenagem a Assata Shakur e Kimako Baraka (Elaine Jones), que são algumas das mulheres negras militantes citadas pela poeta, a autora reforça a insurgência coletiva contra toda uma estrutura supremacista. A variedade de assuntos abordados na obra é notável, e a escolha proposta pela escritora em tratar desde eventos políticos ao erotismo lésbico revela que este trabalho não se limita ao único espaço e à interpretação de leitura.

A recusa em deixar que o outro hegemônico supremacista defina o que é ser lésbica negra é a fonte para a militância e para as reflexões de Clarke, algo que não se abandona em seu fazer poético no qual centraliza e aponta para um projeto de libertação, que deve levar em considerações pactos destrutivos de heterocisnormatividade.

O fazer/ser política é a ponderação principal desta resenha, e isso ocorre pela escritora lidar com a noção de que a poesia pode ser escrita solo, mas não solitária, algo que para ela significa questionar a distância do binarismo cartesiano em que mentes, corpos, espírito e natureza estão separados. Esta junção para Clarke faz parte de um presente, sobretudo, da diáspora negra, como

3. Sobre o neoliberalismo, aqui faço uso do conceito desenvolvido pela perspectiva da teórica feminista Nancy Fraser, presente em seu livro “O velho está morrendo e o novo não pode nascer” (FRASER, 2020).

4. Nas décadas de 1970-80, o conceito de interseccionalidade (BILGI; COLLINS, 2021) foi desenvolvido por feministas negras lésbicas do coletivo Combahee River do qual Cheryl Clarke fez parte. Esta conceitualização vem sendo alvo de disputas em diferentes âmbitos de militância e da academia. Embora a escritora referida não faça uso desta palavra em sua obra, mas, sim, da interconexão de opressões, opto por interseccionalidade por questão de escolha política e teórica. Assim, acredito na potência desse conceito no cenário brasileiro.

5. Esta nomenclatura foi criada pela escritora, intelectual e educadora brasileira Conceição Evaristo, e tal conceito é dissertado no romance “Becos da Memória” (EVARISTO, 2018). Segundo ela, escritas seriam algo produzido por mulheres negras, independente da identidade de gênero ou sexualidade. Utilizo este conceito para falar sobre a referida poeta Cheryl Clarke por notar que as suas vivências enquanto mulher negra lésbica foi escrita de maneira autodefinida.

a escritora demonstra ser negra em diáspora e não perder conexão com toda uma ancestralidade presente, desde a natureza a relações pessoais negras e espiritualidade.

A tradução para o português brasileiro de “Vivendo como uma Lésbica” deve ser comemorada. A leitura destas mulheres, como Cheryl Clarke e Audre Lorde, escritora que inspira Clarke, devem ser postas enquanto prioridade. Além do viés político contido em suas palavras, elas desafiaram editoras ao publicarem suas poesias e textos de forma independente, provando que não serão interrompidas (HURSTON, 2019).

O movimento proposto por elas, mesmo depois de décadas, permanece em pé. Inclusive, é continuado em diferentes partes do mundo, como por algumas escritoras brasileiras lésbicas, trans e *queers* que seguem com o legado de tensionar hegemonias: Nanda Fer Pimenta, Débora Rita (Mc Debrete), Tatiana Nascimento, Kika Senna e tantas outras. Elas afirmam que **ser preta, poeta e política não é luxo.**

Como argumentado ao longo desta resenha, a leitura de “Vivendo como uma Lésbica” incorpora debates de maneira interconectada. Diretas com suas palavras organizadas em estrofes brilhantes, Clarke apresenta a suas apreciadoras, ou até mesmo críticas, coragem junto à vontade de ser livre, e a materialidade deste desejo se faz sem medo de ser lésbica, negra, escritora, apaixonada, militante, filha, irmã e outras tantas coisas.

Referências Bibliográficas

BILGI, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Tradução: Rene Souza. São Paulo-SP: Boitempo, 2021.

CLARKE, Cheryl. **Vivendo como uma Lésbica**. Tradução: Cecília Floresta. Rio de Janeiro-RJ: A Bolha, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro-RJ: Pallas, 2018.

FRAZER, Nancy. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. Tradução de Gabriel Landi Fazzio. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FRANTZ, Fanon. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador-BA: EDUFBA, 2008.

hooks, bell. **Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Boicaiuva Maringolo. São Paulo-SP: Elefante, 2018.

HURSTON, Zora. O que os editores brancos não publicarão. In: *Ayé: Revista de Antropologia*, BA. v.1, n.1, p. 102-111 2019. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/download/288/141>. Acesso em: 27 jul. 2022.

NASCIMENTO, Tatiana; BOTELHO Denise. Sinais de luta, sinais de triunfo: Traduzindo a poesia lésbica negra de Cheryl Clarke. In: **Revista Língua e Literatura**. SC. v.15, n.24, p.50-72, 2013. Disponível em: <http://periodicos.fw.uri.br/index.php/revistalinguae-literatura/article/view/871/0>. Acesso em: 02 fev. 2022.